



Insetos Pragas em Acessos de Açaizeiro em Viveiro

Lindaurea Alves de Souza¹

O açaizeiro (*Euterpe oleraceae*) é uma palmeira cujo cultivo, a partir de 1995, vem aumentando consideravelmente na Região Norte. Naquele ano, a produção no Estado do Pará foi de 91.851 t de frutos. Trata-se de uma fruteira nativa da Amazônia, de cuja polpa dos frutos é extraído um suco muito consumido pela população da região. Além do suco “in natura”, é também utilizado para fabricação de compotas, geleias, sorvetes e licores. Do estipe, é extraído o palmito, que possui excelente aceitação em todo o mercado nacional.

O Estado do Pará é o maior produtor dessa palmeira, apesar de grande parte dessa produção ainda ser proveniente do extrativismo.

O ataque de insetos pragas nessa cultura sempre existiu, entretanto, com a expansão comercial de seu cultivo, os problemas com as pragas têm surgido com maior evidência, em virtude dos prejuízos que elas vêm causando. Atacam o açaizeiro desde a fase de sementeira até o plantio adulto. Por isso, é importante se conhecer as pragas que atacam essa palmeira nas suas diversas fases de desenvolvimento. Esse será mais um parâmetro de conhecimento para ser incorporado ao processo do melhoramento genético do açaizeiro, para que se possam fazer

recomendações seguras a respeito do mesmo. Com esse objetivo, realizou-se uma avaliação em mudas de 25 acessos de açaizeiro.

Os acessos de açaizeiro avaliados são referidos pela denominação numérica que vai do número 01 até 25, sendo cada acesso composto por dez repetições. Esse material estava em uma casa de vegetação telada, na área da Embrapa Amazônia Oriental, em Belém, PA. As avaliações foram realizadas quinzenalmente, durante 1 ano, e consistiram em observações diretas em toda as partes das palmeiras, com exceção das raízes.

Detectaram-se pragas atacando o estipe em formação, os folíolos das folhas velhas, medianas e jovens (face superior e inferior) e flechas.

Os insetos adultos foram coletados e levados ao laboratório para serem identificados. As formas imaturas eram acondicionadas em recipientes apropriados e alimentadas, onde permaneciam até a emergência do adulto, para depois serem identificadas.

As pragas detectadas foram agrupadas em três categorias: 1) pragas principais (mais danosas); 2) pragas secundárias (menos danosas); e 3) outras pragas.

¹Eng. Agrôn., Dr^a Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 48, CEP 66017-970, Belém, PA.

Pragas principais (mais danosas)

Cerataphis lataniae Boisduval, 1867 (Hemiptera: Aphididae), conhecido por “pulgão-preto-do-coqueiro”

C. lataniae é um pulgão com forma circular, mede cerca de 2 mm de diâmetro, coloração quase preta, locomoção lenta, podendo ser de forma alada ou áptera (sem asas). Excreta uma substância adocicada que atrai vespas, moscas e, principalmente, formigas, as quais impedem a presença dos inimigos naturais da referida praga. Localiza-se preferencialmente na flecha do açaizeiro.

Ataca também o coqueiro, patí, licuri, bananeira e diversos gêneros de orquídeas, de acordo com Silva et al. (1968).

Ocorre no Brasil, Paraguai e Argentina (Lepesme, 1947). No Brasil, ocorre nos Estados do Amazonas, Bahia, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Maranhão, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo (Silva et al. (1968) e Sergipe (Ferreira et al. 1998).

Esse inseto provoca o atraso no desenvolvimento das mudas do açaizeiro, tornando-as raquíticas e com as folhas amareladas, por causa da seiva que tanto as ninfas como os adultos sugam para se alimentarem. Ataca também plantas jovens e adultas de açaizeiro.

Os acessos de açaizeiro mais atacados por *Cerataphis lataniae* foram os números: 15, 21, 17 e 24.

Alleurodicus cocois (Curtis, 1846) (Hemiptera: Alyrodidae), conhecido por “mosca-branca”.

O adulto se assemelha a uma mosca, é de cor branca, mede cerca de 2 mm de comprimento por 4 mm de envergadura, possui as quatro asas membranosas, cobertas por uma secreção pulverulenta. As ninfas medem cerca de 1 mm de comprimento, coloração amarelada, rodeada por uma cerosidade branca; vivem na face inferior da folha, eliminam uma substância adocicada, propiciando o aparecimento do fungo fumagina, que diminui a fotossíntese e atrasa o desenvolvimento da palmeira. (Gallo et al. 1988). Formam colônias de ninfas e adultos e, na maioria das vezes, ocupam toda a área dos folíolos.

A. cocois ataca grande número de fruteiras e diversas palmeiras quando estão ainda no viveiro. É a praga mais importante do cajueiro, em Pernambuco, (Gallo et al. 1988). É considerada praga de abacateiro, anonáceas, cacaueiro, goiabeira, oitizeiro, seringueira e coqueiro (Silva et al. 1968). Ataca também a pimenteira-do-reino e mudas de açaizeiro.

Essa praga encontra-se distribuída do Norte ao Sul do Brasil. Alimenta-se da seiva, tornando a planta amarela, debilitada e depois clorótica, atrasando o seu desenvolvimento e sua produção, podendo causar a morte da palmeira, em caso de ataque severo.

No viveiro, como as mudas estão muito próximas, esse inseto é capaz de infestar facilmente as plantas sadias.

Pode-se adotar como medida de controle uma inspeção no viveiro a cada 10 ou 15 dias, para detectar a ocorrência dessa praga. Caso seja detectada, as mudas devem ser retiradas e levadas para outro local, onde serão retirados os insetos manualmente, com um pedaço de pano umedecido em água, depois de alguns dias em observação, levá-las de volta ao viveiro.

Os acessos mais atacados por *A. cocois* foram os correspondentes aos números: 01, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 14, 15, 16, e 20.

Atta spp. (Hymenoptera: Formicidae), conhecidas popularmente por “saúvas”, “tanajura” e “formigas-saúva”

As saúvas são insetos sociais, pertencentes ao gênero *Atta*, vivendo em ninhos subterrâneos onde se alimentam e se reproduzem. As espécies mais comuns são: *A. laevigata*, *A. cephalotes* e *A. sexdens sexdens*. O ninho é formado por dezenas ou centenas de “câmaras” ou “panelas” subterrâneas com comunicação entre si, através de galerias. No nível do solo, encontra-se um monte de terra solta com muitos orifícios (olheiros).

Depois da fecundação, que ocorre geralmente no início das chuvas, a fêmea conhecida por “tanajura” se desprende das asas, iniciando no solo um novo saueiro, construindo a câmara nupcial onde viverá para se reproduzir.

Um saueiro é formado pela rainha cuja função é procriar, pelos machos e operárias (fêmeas estéreis e ápteras), sendo estas responsáveis pela alimentação do saueiro. As saúvas se alimentam do fungo *Gonyolophora pholiota* (*Rhizites*) (Moeller, 1893), os quais são cultivados com folhas trazidas pelas próprias saúvas para o interior do saueiro.

A. laevigata é conhecida por “saúva-da-mata”, ataca o cacaueiro, cafeeiro, citros, malva, guaranazeiro, coqueiro e dendezeiro.

A. cephalotes é conhecida por “saúva-cabeça-de-vidro”, ataca o algodoeiro, arroz, cafeeiro, camará, cana-de-açúcar, capim-gordura, coqueiro-eucalípito, mandioca, goiabeira, mangueira, milho, pinheiro e gramíneas silvestres (Silva et al. 1968).

A. sexdens sexdens, conhecida por “saúva-limão-do-norte”, ou “formiga-da-mandioca”, ataca principalmente o algodoeiro, além da bananeira, cacauzeiro, cajueiro, laranjeira e limoeiro, cenoura, coqueiro, dendezeiro, feijoeiro, mandioca, malva, mangueira, milho e rabanete (Silva et al., 1968). Além dessas culturas, esse inseto também ataca o açaizeiro.

As espécies *A. cephalotes*, *A. laevigata* e *A. sexdens sexdens* são encontradas em todos os estados do Brasil (Silva et al. 1968).

Em geral, as saúvas utilizam cerca de 50% das plantas que estão ao seu redor (Vasconcelos & Fowler, 1990), apesar de darem preferência àquelas que propiciam melhor desenvolvimento ao fungo do qual elas se alimentam.

O açaizeiro quando está no viveiro é muito atacado por saúvas, que cortam seus folíolos e causam desfolhamento parcial ou total das mudas. Com isso, ocorre o atraso no seu desenvolvimento ou até mesmo a morte da planta.

Como controle preventivo, deve-se observar os locais onde os viveiros serão instalados, uma vez que é comum as saúvas viverem às proximidades de matas, capoeirão e capoeiras. Outro fator a ser observado é a presença de sauveiros às proximidades dos futuros viveiros. Em áreas infestadas com sauveiros, os mesmos devem ser primeiro retirados, queimados e o solo tratado com inseticida.

O controle químico mais utilizado é feito com gases liquefeitos como brometo de metila; líquidos termonebulizáveis como fenitrotion e deltametrina; iscas granuladas à base de diflubenzuron (Gallo et al. 1988). Entretanto, o controle mais econômico e eficiente é o uso de iscas granuladas (Della Lúcia, 1993).

As saúvas são também controladas por inimigos naturais como fungos, nematóides, ácaros parasitas, formigas predadoras e um coleóptero da família Scarabaeidae, predador das rainhas (Della Lúcia, 1993).

Os acessos de açaizeiro mais atacados por saúvas do gênero *Atta* spp. foram: 03; 04; 08; 013; 22; 23 e 25.

Pragas secundárias ou de menor ocorrência

O termo pragas secundárias não significa que sejam pragas sem importância, deve-se dar a mesma atenção dada às pragas principais, pois, dependendo do nível de infestação, causam também grandes danos às mudas no viveiro.

Mytilococcus bechii (Newman, 1869) (Hemiptera: Diaspididae), conhecida por “escama-vírgula”, “cochonilha-escama-vírgula”.

M. bechii é uma “cochonilha” conhecida por “escama-vírgula”, por causa do formato de seu corpo ser semelhante a uma vírgula ou a um marisco com coloração amarronzada. A fêmea põe, em média, 50 ovos, seu corpo é curvo e mede cerca de 3 mm de comprimento, enquanto o macho é reto e menor. Em geral, atacam plantas cítricas (Gallo et al. 1988) e, em mudas de açaizeiro, fixam-se ao longo da nervura principal na parte ventral dos folíolos.

M. bechii ataca ameixeira, citros, em geral, pomeleiro, macieira, pereira, pessegueiro, videira, orquídeas e roseiras ornamentais e se encontra distribuída por todo o Brasil (Silva et al., 1968). Além dessas culturas, ataca também mudas de açaizeiro.

Em virtude da constante sucção da seiva por essa praga, inicialmente, a planta fica com as folhas amareladas e depois cloróticas, ocorrendo um atraso no seu desenvolvimento e produção.

Constatou-se a presença de *Mytilococcus bechii* nos 25 acessos de açaizeiro, mas sem nenhuma expressão preocupante.

Alleurothrixus floccosus (Maskell, 1895) (Hemiptera: Aleyrodidae), conhecido por “mosca-branca” ou “piolhos farinhentos”

O adulto é semelhante a uma mosca-branca que, devido ao seu formato e sua cor, é conhecido por “mosca-branca”. O corpo é coberto por uma cerosidade esbranquiçada e as quatro asas são membranosas. Segundo Gallo et al. (1988), as fêmeas põem, em média, 100 ovos na face inferior da folha. Após 10 dias, as ninfas nascem e se dispersam pela face inferior dos folíolos para se fixarem, onde permanecem sugando a seiva até se tornarem adultas. As ninfas têm a forma de uma escama elíptica e achatada, medindo cerca de 1 mm de comprimento; por isso, elas são facilmente confundidas com as “cochonilhas”. Possuem inicialmente cor verde-clara, tornando-se depois marrom-escura; exudam um líquido açucarado que favorece o aparecimento de formigas, moscas e do fungo fumagina.

A. floccosus ataca grande quantidade de plantas: citros, abieiro, araçazeiro, araticunzeiro, cafeeiro, goiabeira, oitizeiro, mangueira, pitombeira (Silva et al. 1968). Ataca também mudas e palmeiras jovens de açaizeiro.

A. floccosus encontra-se distribuída por todos os estados do Brasil. Em virtude da quantidade de seiva que suga, os folíolos tornam-se inicialmente amarelados; a planta fica debilitada, atrasando seu desenvolvimento. Depois, os folíolos secam e, dependendo da intensidade do ataque, a planta pode morrer, o que favorece o aparecimento do fungo fumagina que causa uma diminuição na fotossíntese e no desenvolvimento da palmeira. O controle pode ser o mesmo descrito para *Alleurodicus cocois*.

Quanto ao controle biológico, existem fungos e insetos que controlam o *A. floccosus*. Silva et al. (1968) citam como parasitas os insetos: *Aphytis holoxanthus* De Back, *A. lipidosaphes* (Compere, 1955), e o fungo *Sphaerostilbe auranticola*.

Constatou-se apenas a presença de *Aleurothrixus floccosus* nos 25 acessos de açaizeiro, mas sem nenhuma expressão preocupante.

Eutropidaeris cristata (L., 1758) (Orthoptera:Acrididae), conhecido por: “gafanhoto-do-coqueiro”, “gafanhoto”, “tucurão”.

E. cristata no Estado do Pará, é conhecido por “gafanhoto”. Mede 110 mm de comprimento, as asas anteriores medem 90 mm de comprimento, de coloração verde-pardacenta, e as posteriores esverdeadas com leve tonalidade azul; as fêmeas fazem posturas no chão, sendo o mesmo semelhante a um grão de trigo. Quando emergem, são chamados de “mosquitos”; depois que crescem mais um pouco, são chamados de “saltões”, cujas asas ainda são rudimentares, depois transformam-se em adultos. (Gallo et al. 1988).

O *E. cristata* ataca diversas plantas, destacando-se: abacateiro, algodoeiro, bananeira, cana-de-açúcar, pastagens, citros, coqueiro, carnaubeira, capim fino, mandioca, mamona mangueira, marupazeiro, samambaia, videira, etc. Encontra-se distribuído por todo o Brasil. (Silva et al. 1968 e Gallo et al. 1988). Constatou-se também esse inseto atacando mudas e açaizeiro no Estado do Pará.

Em virtude da voracidade com que se alimenta, ao seu tamanho e a eliminação de folíolos, ocorre um atraso no desenvolvimento do açaizeiro e conseqüentemente na sua produção.

Não houve ataque expressivo de *Eutropidaeris cristata* em nenhum dos 25 acessos.

Outras pragas

Caracóis

São moluscos providos de conchas encontrados por toda a palmeira, principalmente na flecha e folíolos mais jovens, danificando os mesmos

Encontraram-se dois tamanhos distintos, o que leva a crer que se tratam de espécies diferentes. Eles ocorrem com maior frequência na época chuvosa.

Observaram-se até 21 caracóis com cerca de 8 mm de comprimento, nos folíolos mais jovens e, principalmente, na flecha de uma única planta; apesar disso não houve ataque expressivo nos acessos estudados.

Lesmas

São moluscos desprovidos de conchas e se alimentam de vegetais, à semelhança dos caracóis. Alimentam-se dos folíolos mais jovens e ocorrem principalmente na época chuvosa e em lugares mais úmidos. Dependendo da população, podem causar sérios problemas para as mudas de açaizeiro.

O controle pode ser feito limpando-se ao redor do viveiro, retirando-se pedaços de madeiras apodrecidas, uma vez que material lenhoso, úmido e em decomposição é um local apropriado para sua criação.

Não houve ataque expressivo nos acessos estudados.

Referências Bibliográficas

DELLA LÚCIA, T.M.C. **As formigas cortadeiras**. Viçosa: Folha de Viçosa, 1993. 262p.

FERREIRA, J.M.S.; LIMA, M.F.; SANTANA, D.L. de O.; MOURA; J.I.L. SOUZA, L.A. de. Pragas do coqueiro In: FERREIRA, J.M.S.; WARWICK, D.R.N.; SIQUEIRA, L.A. (Ed.). **A cultura do coqueiro no Brasil**, 2.ed. rev. amp. Aracaju: Embrapa-CPATC; Brasília: Embrapa-SPI, 1998. p.189-287.

GALLO, D.; NAKANO, O.; SILVEIRA NETO, S.; CARVALHO, R.P.L.; BATISFA, G.C. de; BERTI FILHO, E.; PARRA, J.R.P.; ZUCCHI, R.A.; ALVES, S.B.; VENDRAMIN, J.D. **Manual de entomologia agrícola**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Agronômica Ceres, 1988. p.649.

LEPESME, P. **Les insectes des palmiers**. Paris; P. Lechevalier, 1947. 904p.

SILVA, A.G. da; GONÇALVES, C.R.; GALVÃO, de M.; GONÇALVES, A.J.I.; GOMES, J.; SILVA, M.; SIMONI, L. de. **Quarto catálogo dos insetos que vivem nas plantas do Brasil: seus parasitas e predadores.** Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura-Central de Patologia Vegetal, 1968. pt.2, t.1.

VASCONCELOS, H.L.; FOWLER, H.G. Foraging and fungal substrate selection by leaf-cutting ants. In: VANDER MEER, R.K.; JAFFÉ, K.; CENENO, A. (Ed.). **Applied myrmecology: a world perspective.** Boulder: Westview, 1990. p.410-419.

Comunicado Técnico, 75

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,
PECUÁRIA E ABASTECIMENTO



Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Amazônia Oriental
Endereço: Trav. Enéas Pinheiro s/n, Caixa Postal 48
CEP 66 065-100, Belém, PA.
Fone: (91) 299-4500
Fax: (91) 276-9845
E-mail: sac@cpatu.embrapa.br
1ª edição
1ª impressão (2002): 300

Comitê de publicações:

Presidente: Leopoldo Brito Teixeira
Secretária-Executiva: Maria de Nazaré Magalhães Santos.
Membros: Antônio Pedro da Silva Souza Filho, Expedito Ubirajara Peixoto Galvão, João Tomé de Farias Neto, Joaquim Ivanir Gomes e José Lourenço Brito Júnior

Expediente:

Supervisor editorial: Guilherme Leopoldo da Costa Fernandes
Revisão de texto: Maria de Nazaré Magalhães dos Santos
Normalização bibliográfica: Sílvio Leopoldo
Editoração eletrônica: Euclides Pereira dos Santos Filho
Foto: Arquivo Embrapa